



ENTRE PAPÉIS E *PIXELS*, ENTRE CRÍTICAS E *REVIEWS*: DINÂMICA(S) DO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO EM TEMPORALIDADES DIGITAIS DO IMPRESSO[∨]

Jennifer da Silva Gramiani CELESTE¹
Daniela Werneck Ladeira RÉCHE²

RESUMO

Diante das diferentes configurações que hoje a Literatura é capaz de assumir devido às relações propiciadas pela gênese da Internet e de suas diversas e muitas facetas, o atual mercado editorial brasileiro parece, a cada dia, tentar se reciclar em relação às estratégias de contato e acolhimento junto ao público consumidor, alcançando, como consequência, diferentes segmentos, sobretudo aquele constituído por jovens leitores. Logo, perante a essas transfigurações que a manifestação artística literária experiencia, este artigo se propõe a apresentar um breve debate acerca não só da notável dinâmica de investimento na materialidade dos livros – evidenciada a partir da observação dos fenômenos virtuais encabeçados por blogueiros, *youtubers* e usuários da plataforma virtual de autopublicação literária *Wattpad* –, mas, especialmente, a respeito do modo como a Literatura atualmente tem sido apresentada, concebida e recepcionada por jovens nativos digitais e também ávidos e sedentos leitores. Sob as tendas deste movimento, buscamos desmistificar as previsões apocalípticas instauradas no início do século sobre o fenecimento da Literatura, bem como dos autores, leitores e livros impressos.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Mercado Editorial. Internet. Livro Impresso. E-book.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS (OU “ONDE ESTÁ A LITERATURA?”)

A contemporaneidade é certamente assinalada por dubiedades. Afinal, entre posicionamentos de direita e esquerda ou argumentos apocalípticos e integrados³,

[∨] Artigo recebido em 29/03/2019 e aprovado em 10/05/2019.

¹ Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: jenniferjf@oi.com.br.

² Doutora em Literatura Comparada e Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: werneck.daniela@gmail.com.

³ Aqui aludimos ao título teórico **Apocalípticos e integrados** (2015), de Umberto Eco.

também os Estudos Literários experienciam notáveis transfigurações capazes de nos conduzir a reflexões acerca da sobrevivência da Literatura em temporalidade atual na qual as novas tecnologias digitais e os dispositivos eletrônicos prevalecem.

Decerto, o advento da *World Wide Web* e a gênese das diversas possibilidades de ser, estar e se expressar por intermédio das plataformas virtuais de socialização, projetaram-se a todos os setores do saber e, inevitavelmente, à cultura hoje vigente. Desse modo, a Literatura sobrevive. Contudo, abarca, para além das mutações, também algumas consequências dessa dinâmica, tão intrincada quanto a própria rede.

Os mais céticos terão de concordar: jamais se imaginara o culto ao livro impresso tal como ocorre na atualidade. E o mais interessante a se notar é que essa manifestação foi propiciada, em grande parte, pela fluidez e dinamicidade atinentes à Internet – aquela a qual até então haviam atribuído a responsabilidade pelo fenecimento da expressão literária sob os moldes tradicionais. Hoje, autores publicam seus conteúdos para / no ciberespaço e ganham destaque, alcançando fama nas páginas dos livros impressos; jovens blogueiros e *youtubers*, por sua vez, atuam como críticos e resenhistas literários e têm suas indicações e opiniões acatadas por milhares de seguidores; e a todos, independente da formação acadêmica, do campo de atuação e, obviamente, das redes sociais, é concedida a oportunidade de estrelato literário.

Assim, diante desse breve panorama que hoje nos acolhe em tempos de *#likes*, este artigo objetiva trazer à discussão algumas questões vinculadas não apenas ao investimento literário na materialidade do conteúdo digital, mas especialmente aos movimentos realizados pelo mercado editorial brasileiro, que hoje se manifesta no meio virtual, e têm como porta-vozes, inusitadamente, jovens internautas – e leitores.

2 APOCALIPSE OU TRANSFIGURAÇÃO? (OU “A AVENTURA DO LIVRO”)

Afinal, “[...] os papéis estão descartados diante da magia dos monitores e do ambiente digital? [...]” (RAMAL, 2002, p. 147). O questionamento de Andrea Cecilia Ramal, professora e autora da obra **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem** (2002), é de caráter provocador, haja vista a

trajetória evolucionária percorrida pelo suporte livro e, principalmente, os anseios que circundaram o futuro – até então incerto – das tradicionais obras impressas.

Indagações dessa natureza tendem a se tornar comuns com o passar dos anos, segundo Célia Abicalil e Francisca Maciel. De acordo com essas pesquisadoras, autoras do artigo intitulado *Onde a literatura? Onde os leitores? Onde a leitura?* (2014), em quaisquer áreas do saber ou da cultura nos deparamos com a temida indagação se determinado elemento irá sobreviver ao destaque concedido a algum outro específico. Assim, também partilham do anterior receio de Ramal (2002) ao lançarem o questionamento: “[...] O computador viria para aniquilar o livro? [...]” (ABICALIL; MACIEL, 2014, s/p).

Em **Não contem com o fim do livro** (2012), Umberto Eco e Jean-Claude Carrière entendem que os *e-books* e outras manifestações literárias de cunho digital jamais serão capazes de extinguir o livro impresso, tal como o conhecemos em seus moldes tradicionais. Para que a posição a qual sustentam seja adequadamente compreendida, os teóricos fazem analogia ao fato de que a invenção de Gutenberg, mesmo que inovadora para a época, não suprimira, de um dia para o outro, a utilização dos códices. E estes, muito menos, a fabricação de obras literárias em rolos de papel. Na verdade, o que se torna viável a partir do surgimento de distintos suportes de escrita e leitura corresponde à coexistência entre usos e costumes vinculados a tais artigos.

Constatamos, com base nas argumentações de Frédéric Barbier, presentes na obra **História do livro** (2008, p. 459), que “[...] apesar das aparências, o livro eletrônico é uma mídia provavelmente menos competitiva em relação ao sistema-livro tradicional [...]”. De maneira análoga, a estudiosa Leyla Perrone-Moisés, na publicação **Mutações da literatura no século XXI** (2016), corrobora com o historiador, pois também crê que os livros de papel – admitidos até o final do século passado como objetos peremptos – têm resistido fortemente à concorrência propiciada pelo advento das novas tecnologias digitais, tendo sido paulatinamente beneficiados por elas, mais especificamente em relação aos seus processos de distribuição em larga escala, tal como preteritamente dissertara Walter Ong em **Oralidade e escrita: a tecnologização da palavra** (1998).

Conforme Perrone-Moisés (2016), o fato contribuiu para que os livros se tornassem os mais requisitados entre os objetos comercializados no *e-commerce*,

contrastando com o declínio da posição privilegiada – e por algum tempo ocupada – dos *e-books*. Afinal, como destaca a estudiosa, os livros digitais, que teoricamente deveriam ter substituído os tradicionais materiais de leitura impressos – ao menos conforme as previsões disseminadas por alguns pesquisadores da modernidade – não conseguiram alcançar o êxito previsto, perdendo seu terreno em benefício das páginas de papel.

Colidimos nessa passagem com as discussões e os debates pertinentes à dinâmica empreendida pelo mercado editorial brasileiro no que concerne à publicação de obras literárias impressas assinadas por jovens produtores de conteúdo digital, os administradores de *blogs* e canais do *YouTube*, denominados blogueiros e *youtubers*.

Fundamentando-nos em mapeamento apresentado pela dissertação da área de Letras, Literatura Brasileira, intitulada **O livro nos tempos de #likes: transfigurações na literatura brasileira contemporânea** (2018), atestamos relevante manufatura literária de natureza impressa da autoria de jovens internautas voltada aos seus pares, os jovens seguidores – e também agora leitores –, lançada no período compreendido entre janeiro de 2008 e dezembro de 2016. Mencionar tal fenômeno que hoje circunda e alicerça o mercado literário faz-se necessário, pois contraria aquilo que críticos e estudiosos da contemporaneidade até então esperavam, demonstrando próspero investimento na materialidade dos livros em momento no qual prevalece o que é de origem digital.

Esse movimento de adaptação de conteúdos produzidos primordialmente para / no ciberespaço também parece assumir facetas similares àquele experienciado por alguns jovens escritores oriundos do meio eletrônico. Nesse contexto, podemos citar a circunstância de publicação das narrativas confeccionadas e compartilhadas na *Web*, sobretudo em plataformas virtuais de autopublicação literária, tal como *Wattpad*.

Criada em meados de 2006, a rede social de cunho literário fora responsável pela difusão de grandes nomes da Literatura Juvenil Contemporânea, como a americana Anna Todd, autora da série **After** (Paralela 2014); o londrino Taran Matharu, autor de **Conjurador** (Galera, 2014); e, por fim, em território nacional, a obra **O amor não tem leis** (Suma das Letras, 2014), de Camila Moreira, estudante matogrossense.

É relevante nos recordarmos que tradicionais grupos editoriais brasileiros, como Companhia das Letras e Record, por exemplo, têm aderido à idealização de específicos selos literários a fim de melhor abarcar os livros assinados por jovens influenciadores digitais ou internautas-escritores⁴ – Paralela e Galera, respectivamente. Paralelamente, também é interessante percebermos que as viabilidades de publicações literárias promovidas pela expressão ocorrida no meio virtual favorecem não somente a criação de categorias literárias no interior das editoras, mas aquece a dinâmica mercadológica, haja vista o surgimento de muitos pequenos grupos editoriais – à exemplo, Giostri, Hyria e Matrix –, pois estes, ao publicarem navegantes ainda detentores de menor expressão no ciberespaço, tornam-se capazes de concorrer ao lado de editoras maiores.

No entanto, ainda que possa aqui ser elencado a título de exemplificação, *Wattpad* oferta-nos movimento demasiado distinto em relação àquele verificado no caso de jovens celebridades digitais, já que os usuários da plataforma virtual em voga oferecem aos navegantes-leitores um conteúdo de viés estritamente literário – desde já esclarecemos que aqui não iremos nos ater a questões relativas à literariedade⁵.

Não devemos nos olvidar que o material compartilhado na Internet por blogueiros e *youtubers* – quase sempre – jamais esteve imbuído de caráter literário, ou seja, passível à sua transposição para as páginas impressas⁶. Portanto, diante desse fato e de tamanha minuciosidade que o fenômeno *Wattpad* nos demanda, decidimos nos debruçar, no presente artigo, somente nos feitos literários encabeçados por jovens influenciadores da grande rede, advindos dos *blogs* e canais do *YouTube*.

⁴ Contribuindo, subjacente a essa prática, à constituição de novos nichos literários dedicados à parcela jovem da população e, por conseguinte, às novas ramificações mercadológicas viáveis à indústria literária.

⁵ De acordo com a Teoria Literária, características linguísticas, semióticas e sociológicas.

⁶ Salvo algumas exceções, como as crônicas da blogueira Bruna Vieira, ou ainda, os feitos poéticos de Pedro Antônio Gabriel. Na grande maioria dos casos, as celebridades digitais são convidadas por editoras a adentrarem no universo literário a partir do sucesso logrado em suas redes sociais, sendo ele constatado quase sempre por meio de atributos quantitativos, tais como o número de curtidas, visualizações, comentários em postagens e, de modo geral, recepção por parte do público seguidor. Para fins de exemplificação, citamos as obras **Muito mais que cinco minutos** (Paralela, 2014), de autoria da *youtuber* Kéfera Buchmann, e os livros da trilogia **Eu fico loko** (Novas Páginas, 2015), de Christian Figueiredo. Esses produtos literários são provenientes da escrita de seus autores com base nos vídeos de teor cotidiano por eles compartilhados em seus canais do *YouTube*.

Concedemos o adequado destaque também ao fato de que foi o ciberespaço – que propiciara o caráter digital que atualmente pode ser assumido pelos registros escritos – o principal responsável por oferecer terreno à imersão de jovens na atmosfera literária, cada qual à sua maneira: os administradores das redes sociais passam a atuar como escritores e autores de suas próprias produções, e seus admiradores e seguidores, por seu turno, como leitores das obras por eles lançadas.

Ainda que muitas dúvidas tangentes às novas modalidades de leitura vinculadas ao advento da digitalidade textual parem sobre os leitores, o historiador Roger Chartier, em **Os desafios da escrita** (2002), crê que o manuseio dos materiais fabricados em códex, manuscrito ou impresso, proporcionara aos seus usuários a execução de gestos corporais até então de caráter extremamente inéditos. Entre estes, figuram-se o folhear de páginas ou a busca por determinados trechos com maior precisão e minúcia.

Como elucidado por Alberto Manguel em **Uma história da leitura** (2004), o ato da leitura permite estabelecer um íntimo relacionamento entre leitor e objeto literário, beirando ao físico. Cada um dos cinco sentidos possui algum tipo de participação na ação empreendida por aquele que lê. Os olhos norteiam o sentido das palavras presentes nas páginas. Os ouvidos, por sua vez, fazem ecoar os sons que são lidos. Já o nariz inala os odores que são familiares ao papel, à cola, à tinta, ao papelão, ao couro e a outros artigos utilizados na manufatura dos livros. Ainda conforme Manguel (2004), o tato acaricia as páginas, sejam elas de textura áspera ou suave, além da encadernação do livro, que em geral oscila entre macia e dura. Para finalizar, o paladar auxilia o movimento das páginas, facilitando-o, uma vez que é comum se recorrer à língua para umedecer as pontas dos dedos. Segundo o teórico, a grande maioria dos leitores não está disposta a se desfazer ou compartilhar com outrem essa dinâmica.

Manguel (2004) também se debruça sobre a temática relativa à posse física das obras literárias. O “[...] sentimento de apreensão intelectual [...]” (MANGUEL, 2004, p. 179), conforme assim o denomina, figura-se como abrangente descrição daquilo que experimentamos perante a uma obra que nos pertence. Aliás, os sentimentos se confundem, sendo que os detentores dos livros, ao visualizarem quaisquer obras, acreditam possuir toda a sabedoria oferecida por elas – não

havendo, hipoteticamente, a necessidade de nos enveredarmos atentamente por seus conteúdos.

O livro, enquanto suporte material, de acordo com Manguel (2004), suscita no público leitor ânsia, angústia, um sentimento inconfundível de posse em relação ao objeto literário, uma cobiça distinta de todas as outras já experienciadas. Lê-se melhor quando se é o dono do livro em questão. Tendo por finalidade sustentar esse posicionamento, o estudioso faz uso de citação da autoria de Charles Lamb, escritor inglês. Esse literato, já no século XIX, observara que uma obra literária, quando nos pertence e nos é conhecida desde muito tempo, nos possibilita melhor conhecer “[...] a topografia de suas manchas e de suas orelhas [...]” (MANGUEL, 2004, p. 179), por exemplo. Os livros, então, encontram-se impregnados de memórias e sentimentos.

Acerca desse mote, Manguel (2004, p. 127) crê que livro e leitor, tornam-se, ao término do processo de leitura, um só elemento, fundamentando tal fala a partir da apresentação de metáfora circular: “[...] o mundo que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo [...]”. É explicada, então, a infinitude que demarca a ação da leitura: os leitores se constituem exatamente como aquilo que leem. Logo, possuir um livro, independentemente do quão complexo seja compreendê-lo, possibilita ao indivíduo que o possui retornar ao início, lê-lo novamente e entender suas passagens.

Compartilhando contexto de fala semelhante àquele apresentado pelo supramencionado teórico, Nicholas Carr, autor de **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros** (2011), se posiciona em relação à atmosfera de cunho sentimental que envolve e circunstância os livros de manufatura impressa. Para o especialista, não corresponde a um exagero dizermos que as ações de escrita e leitura de livros intensificaram e tornaram mais refinada as experiências dos escritores e leitores com a vida, a natureza e os indivíduos com os quais se relacionam.

Novamente Chartier, agora, na obra intitulada **A aventura do livro: do leitor ao navegador** (1999), expressa crer que o vigor inerente à prática da bibliofilia, prova, para além de sua insensibilidade diante da revolução eletrônica, que os livros permanecem entidades vivas, passando de mão em mão, sendo, portanto, exaustivamente colecionados. A respeito dessa questão, Perrone-Moisés (2016) pontua manifestações de culto e fetichismo ao objeto literário, principalmente por

parte dos jovens. Seja nos *posts* de seus *blogs*, seja nos vídeos postados em seus canais do *YouTube*, esses indivíduos revelam grande apego ao suporte livro a partir da maneira por meio da qual os manuseia. Orgulham-se em tê-lo, “[...] em oposição inconsciente ao mundo digital em que eles estão, no qual nada é palpável [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 57).

Nessa seara, aqui nos recordamos da prática de *unboxings*, principalmente em vídeos publicados no *YouTube*. Por meio desse artifício, os jovens internautas gravam suas mais recentes aquisições de livros impressos, tirando-as de suas embalagens e tecendo comentários em relação às suas primeiras impressões quanto aos produtos adquiridos ou recebidos. No caso dos livros, averiguamos a exaltação de suas capas; gramatura das folhas; fontes; diagramações; presença ou não de ilustrações ou anexos; realização de esclarecimentos diversos relativos às edições das obras, sendo estas comuns ou econômicas; enfim, aspectos qualitativos que singularizam a obra literária e cuja apreciação não demanda a leitura ou a profunda imersão em seu conteúdo. Simultâneo a esse movimento, existem ainda os denominados *reviews*, nos quais administradores de canais virtuais possibilitam ao público seguidor conhecer os livros página por página.

Há também a prática de *bookshelf tour*, que consiste em breve passeio realizado pelas estantes nas quais são armazenados os livros pertencentes aos *youtubers*. Nesse movimento, os jovens indicam dados atrelados a cada uma das obras que ali se encontram alojadas, de títulos a informações sobre autores, opinando, nesse ato, positiva ou negativamente a respeito de seus conteúdos. Similarmente, concebemos essa ação também como responsável por exaltar o livro impresso na atualidade digital – e por intermédio do artifício digital.

É relevante apontarmos que *unboxings*, *reviews* e *book shelftours* são também tidos como estratégias de *marketing* para a promoção e a publicidade dos produtos e daqueles que os divulgam. Perrone-Moisés (2016) entende que o julgamento dos livros não pode circundar somente questões relacionadas ao gosto ou ter seus valores medidos em termos de consumo ou critérios de vendagem, por exemplo. Todavia, reconhece que “[...] isso é particularmente importante no mundo atual, em que o valor de um indivíduo é medido pelo número de seus seguidores na internet, e o valor das coisas é identificado ao seu preço no comércio [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 37). Mesmo inserida no atual sistema cultural, o qual

é dominado por mercado que tem a arte como produto vendável, Perrone-Moisés (2016, p. 37) crê que “[...] a literatura é, assim, um dos poucos exercícios de liberdade que ainda nos restam [...]”.

Alguns *booktubers* e blogueiros literários – nos referimos especificamente, a título de ilustração, à Isabella Lubrano e Mellory Ferraz, administradoras dos *blogs* e canais do *YouTube* intitulados Ler Antes de Morrer⁷ e Literature-se⁸, respectivamente – firmam parcerias com livrarias *online* com o intuito de dar continuidade aos trabalhos que realizam em suas plataformas virtuais. Em geral, apelam aos seguidores para que adquiram, nas livrarias especificadas, os livros impressos outrora resenhados em seus canais de comunicação. *Booktubers* como Tatiana Feltrin, profissionalizam-se nessa área, tornando-se referência para grandes empresas do ramo, como a *Amazon*. Semanalmente, a internauta publica vídeos patrocinados pela livraria, abordando lançamentos e descontos, e direcionando, assim, seus seguidores às compras *online*.

Difícil também nos esquecermos da aparição de clubes de assinatura literária – entre os mais conhecidos, estão TAG Experiências Literárias⁹ e Turista Literário¹⁰. Tais clubes enaltecem o objeto literário de distintas maneiras, de acordo com aquilo que propõem: o primeiro traz ao assinante livros indicados por curadores intelectuais, que não necessariamente estão vinculados ao universo literário. Quase sempre são obras clássicas de abrangência e renome mundiais. Se não bastasse, as edições são exclusivas e presenteiam os leitores não apenas com seu rico conteúdo, mas também com brindes relacionados ao tema abordado pelas narrativas em questão. Influenciadoras como Tatiana Feltrin e Isa Vichi, responsáveis por assinar, respectivamente, os vídeos dos canais *Tiny Little Things*¹¹ e Lido Lendo¹², são algumas das promissoras navegantes responsáveis pela divulgação desses produtos.

⁷ Canal Ler Antes de Morrer: < <https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

⁸ Canal Literature-se: < <https://www.youtube.com/user/croissantparisiense> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

⁹ Clube TAG Experiências Literárias: < https://taglivros.com/?gclid=Cj0KQCjwhPfkBRD0ARIsAAcYycHtR9uzRkNDDTD2Duf4vPYfaihyQOCr-8Q2vhcw7GxVNBMP4eYfz9NwaAm2AEALw_wcB > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

¹⁰ Clube Turista Literário: < <https://www.turistoliterario.com.br> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

¹¹ Canal *Tiny Little Things*: < <https://www.youtube.com/channel/UC09JlJgpnK3INrfO9Afnlcg> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

¹² Canal Lido Lendo: < <https://www.youtube.com/user/lidolendo> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

Já o segundo clube mencionado, especialmente dedicado à jovem parcela da população leitora, foi inclusive idealizado por uma *booktuber*, Mayra Sigwalt, do canal *All About That Book*¹³. Os livros recebidos pelos assinantes são classificados como pertencentes ao gênero literário *Young Adult* ou *YA*¹⁴. O Turista Literário apresenta como principal diferencial a proposta de realização de viagem à atmosfera sugerida pelo teor das narrativas. Para tornar a experiência mais próxima ao real, são oferecidos brindes sensoriais capazes de reportar os leitores a determinadas passagens das obras. Além disso, materiais exclusivos e personalizados são ofertados a cada mês, com base nas temáticas dos livros. Melina Souza, *booktuber* oriunda do canal *Serendipity*¹⁵, é a principal propagadora deste clube, apresentando seus *unboxings*. Aliás, cabe notabilizarmos que a faixa etária que Isa Vichi representa e para a qual direciona seus empreendimentos se difere daquela atrelada à Melina Souza. Isso justificaria, talvez, a predileção por distintos clubes literários.

Nos dias atuais, a exaltação do livro impresso também pode ser averiguada a partir do investimento apresentado por algumas editoras brasileiras à publicação de obras clássicas com outras repaginações. *Penguin*, parte integrante da editora Companhia das Letras, um selo voltado à cultura clássica, e *Dark Side*, responsável por publicar produtos literários de terror e fantasia, lançam obras cujas capas, gramaturas, diagramações e outros elementos inerentes ao suporte em questão costumam chamar a atenção dos leitores. Logo, estas editoras oferecem materiais diferenciados se comparados àqueles outros disponibilizados no mercado. Acerca desta manifestação, os jovens *youtubers* Samara Pimenta e Felipe Saar, idealizadores do canal intitulado Hoje é Dia¹⁶, são os principais entusiastas da Literatura Sobrenatural publicada em território nacional pela editora *Dark Side*.

¹³ Canal *All About That Book*: < <https://www.youtube.com/channel/UCM7bOf9eTwuFXxJ4DXSPv7g> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

¹⁴ *Young Adult* pode ser traduzido para o português como Jovem Adulto. Esse gênero literário contempla obras cujos enredos dialogam com temáticas convenientes aos indivíduos entre quinze e vinte e cinco anos: dramas reais envolvendo relacionamentos afetivos, conflitos entre amigos e familiares, doenças terminais e morte. Nas livrarias americanas, é comum encontrarmos setores especialmente dedicados a livros classificados como *YA*, entre ficção e não ficção. No cenário internacional, um dos grandes precursores do gênero na contemporaneidade é o escritor John Green, norte-americano responsável pela publicação da obra **Quem é você, Alasca?** (Intrínseca, 2015).

¹⁵ Canal *Serendipity*: < <https://www.youtube.com/user/aseriesofserendipity> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

¹⁶ Canal Hoje é Dia: < <https://www.youtube.com/channel/UCnklmydhMvRnLPNWzYWDP3w> > Último acesso em 30 de mar. de 2019.

É perceptível como a dinâmica de produção de livros impressos encontra-se diretamente vinculada a esferas diversas: desde questões relativas àquilo que é subjetivo e próprio ao ser humano, tal como os gestos corporais realizados durante a prática de leitura ou os sentimentos que permeiam determinada obra ou específica narrativa, até às ações executadas em meio virtual, impulsionadas pela significativa popularidade alcançada por determinadas publicações de cunho impresso.

Compreendemos, portanto, que frente a uma modernidade líquida e efêmera¹⁷, onde quase nada é palpável, quase tudo é incerto e quinze minutos continua sendo, ainda, o tempo que dura a fama, um vídeo do *YouTube* pode ser apagado, um *blog* deletado ou um ídolo simplesmente esquecido, ter o livro impresso concede ao leitor um pouco mais de materialidade e vida em relação àquilo que aprendeu a admirar e que se encontra, exatamente por esse motivo, mais acessível no objeto livro do que na tela de quaisquer dispositivos eletrônicos. No que se refere às obras de jovens internautas, armazena-se na estante o fragmento material do indivíduo no qual se espelha.

Quando se tem, finalmente, o acesso a algo constituído de matéria, que não irá escapar entre os dedos desses leitores e que os leve a se identificar com seus pares, que os auxilie a reter o tempo da juventude, tão fluido e inconstante, os paradoxos inerentes a essa fase vital parecem se atenuar e a tomarem formas menos assustadoras.

Com tal discussão, buscamos refutar a fala do crítico peruano Mário Vargas Llosa, presente na célebre obra **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura (2013, p. 196), a respeito do fato de que apesar do crescente número de publicações impressas, não se “[...] acredita que a Literatura sirva para muita coisa, salvo para não se entediar demais [...]”. Isso, porque concebemos que, à Literatura, diante do investimento na materialidade do conteúdo digital, talvez possa ser atribuída mais uma função, dentre diversas outras: tornar o caminhar dos jovens permeado por luzes e não somente por obscuridades.

¹⁷ Aqui nos embasamos nas contribuições teóricas do sociólogo Zygmunt Bauman.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU “NÃO CONTEM COM O FIM DO LIVRO”)

Antonio Candido, no artigo Literatura e subdesenvolvimento (2011, p. 174), anunciara que talvez algum dia as grandes massas pudessem alcançar tamanha instrução a fim de que se tornassem capazes de buscar, para além dos clássicos livros, “[...] meios de satisfazer as suas necessidades de ficção e poesia [...]” – referenciando, na época, o surgimento e a abrangência das novas tecnologias digitais. Os meios de comunicação e a difusão das modernas mídias foram de tão significativo impacto na sociedade prevalente que, durante algum tempo, falar sobre livros beirava quase ao retrógrado. Os anos se passaram, e a literatura impressa, de braços abertos, hoje acolhe, apadrinha e afeta expressivamente a vida de muitos indivíduos.

Esse definitivamente não é o fim do livro, tal como pudemos conjecturar a partir dos referenciais teóricos anteriormente apresentados, contrastados às atuais práticas alavancadas ora pelo mercado editorial brasileiro, ora por jovens navegantes da rede, em relação ao culto ao livro impresso e, por conseguinte, também à Literatura.

Essa arte não teve seu fim e tampouco aparenta estar pronta do término ao qual a destinaram, sem ao menos a questionarem sobre seus reais desejos. Parece-nos, aliás, que sempre quisera experienciar, a Literatura, essas viabilidades de cotejos entre o que se constitui remoto e improvável, literário e não-literário, impresso e digital, a julgar sua admirável performance. Indubitavelmente, nem mesmo os grandes estudiosos e críticos desse campo do saber cogitaram as diversas possibilidades de interfaces dialógicas entre Literatura e Internet.

É caro ressaltarmos que este artigo não se ateve ao fomento de debates a respeito dos valores de literariedade atrelados às obras atuais ou ao surgimento de novos nichos literários. Procuramos argumentar, na realidade, como a manifestação literária impressa veiculada à produção de livros hoje se faz perceptível.

Assim, entre livros impressos, *e-books* e *#likes*, caminha resoluta a Literatura. Que se resolvam, então, os apocalípticos. Os integrados, certamente, os esperam de braços abertos.

BETWEEN PAPERS AND PIXELS, BETWEEN REVIEWS AND REVIEWS: DYNAMIC(S) OF THE BRAZILIAN EDITORIAL MARKET ON DIGITAL TEMPORALITIES OF THE PRINT

ABSTRACT

In view of the different configurations that Literature is able to assume today due to the relationships generated by the genesis of the Internet and its many and many facets, the current Brazilian publishing market seems to be trying to recycle itself every day in relation to the strategies of contact and reception along with the consumer public, reaching, as a consequence, different segments, especially that constituted by young readers. Therefore, before these transfigurations that the literary artistic manifestation experiences, this article proposes to present a brief debate about not only the remarkable dynamics of investment in the materiality of the books - evidenced from the observation of the virtual phenomena headed by bloggers, youtubers and users of Wattpad's virtual literary self-publishing platform - but especially about the way Literature has now been presented, conceived and received by young digital natives as well as avid and thirsty readers. Under the tents of this phenomenon, we sought to demystify the apocalyptic predictions established at the beginning of the century on the passing of literature, authors, readers and printed books.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature. Editorial Market. Internet. Book Printed. E-book

REFERÊNCIAS

ABICALIL, Célia; MACIEL, Francisca. Onde a literatura? Onde os leitores? Onde a leitura?. In: ABICALIL, Célia et al. (Orgs.). **Onde está a literatura?:** seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BARBIER, Frédéric. **História do livro.** São Paulo: Paulistana, 2008.

BUCHMANN, Kéfera. **Muito mais que cinco minutos.** São Paulo: Paralela, 2015.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento.
In: **A educação pela noite.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARR, Nicholas. **A geração superficial:** o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. **O livro nos tempos de #likes:** transfigurações na literatura brasileira contemporânea. 238 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectivas, 2015.

FIGUEIREDO, Christian. **Eu fico loko**. São Paulo: Novas Páginas, 2015.

GREEN, John. **Quem é você, Alasca?**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MATHURU, Taran. **Conjurador**. Rio de Janeiro: Galera, 2015.

MOREIRA, Camila. **O amor não tem leis**. São Paulo: Suma das Letras, 2014.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. São Paulo: Papyrus, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TODD, Anna. **After**. São Paulo: Paralela, 2014.